



Contemporânea

Contemporary Journal

3(7): 9383-9402, 2023

ISSN: 2447-0961

Artigo

"CRUZANDO O PARALELO 30": AUDIOGUIA COM AUDIODESCRIÇÃO DE ROTEIRO TURÍSTICO EM PORTO ALEGRE

"CROSSING THE 30'S PARALLEL": AUDIO GUIDE WITH
AUDIO DESCRIPTION OF THE TOURIST ITINERARY IN
PORTO ALEGRE

DOI: 10.56083/RCV3N7-105

Recebimento do original: 26/06/2023

Aceitação para publicação: 26/07/2023

Jamile de Bastiani

Doutoranda em Design

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Endereço: Rua Sarmento Leite, 320, Centro Histórico, Porto Alegre – RS, CEP: 90035-190

E-mail: jamildebastiani@gmail.com

Eduardo Cardoso

Doutor em Design

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Endereço: Rua Sarmento Leite, 320, Centro Histórico, Porto Alegre – RS, CEP: 90035-190

E-mail: 00146837@ufrgs.br

Léia Miotto Bruscato

Doutora em Arquitetura

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Endereço: Rua Sarmento Leite, 320, Centro Histórico, Porto Alegre – RS, CEP: 90035-190

E-mail: arq.leiab@gmail.com

RESUMO: Este artigo objetiva relatar as experiências de acessibilidade através do emprego da audiodescrição em audioguia para o roteiro turístico a pé "Cruzando o Paralelo 30", na cidade de Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Esse projeto buscou diminuir as barreiras de comunicação e promover a inclusão das pessoas com deficiência visual no turismo em Porto Alegre, assim como difundir práticas mais inclusivas para todos os públicos. Após a análise do percurso, realizou-se o desenvolvimento do roteiro de visita de doze pontos da rota turística proposta, em conjunto com pesquisa

9383



histórica embasada em bibliografia apropriada, para posterior e consultoria e revisão por audiodescritor com deficiência visual. Com a realização desta atividade, ressaltou-se a importância de compreender a necessidade da preparação dos espaços e recursos de comunicação para que todos, incluindo as pessoas com deficiência, possam além de desempenhar as suas funções de forma independente, segura e autônoma, ter uma experiência de lidar com o discurso visual que não pode ser vivenciado. Ainda, no caso específico de projeto ou prática de inclusão e acessibilidade, cabe destacar a importância da participação de pessoas com deficiência ao longo de todo o processo de desenvolvimento, não apenas no momento de verificação final.

PALAVRAS-CHAVE: Audiodescrição, Turismo Acessível, Inclusão, Audioguia, Porto Alegre.

ABSTRACT: This article aims to report accessibility experiences through the use of audio description in audio guides for the walking tour route “Cruzando o Paralelo 30”, in the city of Porto Alegre - Rio Grande do Sul. This project sought to reduce communication barriers and promote the inclusion of people with visual impairments in tourism in Porto Alegre, as well as disseminate more inclusive practices for all audiences. After analyzing the route, the itinerary for visiting twelve points of the proposed tourist route was developed, together with historical research based on appropriate bibliography, for later review by a descriptor and consultancy by a person with a disability. From the realization of this activity, it was emphasized the importance of understanding the need to prepare spaces and communication resources so that everyone, including people with disabilities, can, in addition to fulfilling their functions independently, safely and autonomously, have a experience of dealing with visual discourse that cannot be experienced. Still, in the specific case of a project or practice of inclusion and accessibility, it is worth highlighting the importance of the participation of people with disabilities throughout the entire project development process, not just at the moment of final verification.

KEYWORDS: Audio Description, Accessible Tourism, Inclusion, Audio Guide, Porto Alegre.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



1. Introdução

A Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2014) traz como um dos seus princípios a Igualdade de Oportunidades. Princípio que rege a organização da sociedade, que desde meio físico e cultural, moradia, transporte, serviço social, saúde, oportunidade de educação, trabalho, vida cultural e esportiva de forma acessível a todos, sem distinção.

Constitui-se como desafio diário assegurar a igualdade de oportunidades para todos, pessoa com deficiência ou não, seja qual for o meio e em todas as atividades oferecidas em espaços públicos. Por isso, toda e qualquer atividade que possibilite o enriquecimento cultural e pessoal, tal como o turismo, não deve ser limitada por questões de acessibilidade, de tecnologia de informação ou de comunicação.

Porto Alegre é uma das escolhas turísticas do Brasil, recebendo por ano uma grande quantidade de turistas nacionais e internacionais. Possui hoje na cidade rotas turísticas motorizadas. Para o passeio a pé, possui algumas placas informativas inseridas estrategicamente nos locais históricos ou importantes para o município, porém ainda está deixando a desejar no que se refere à inserção da pessoa com deficiência sejam elas, motora, auditiva, mental/intelectual ou visual, nas atividades de visitação que oferece.

Considera-se a audiodescrição (AD) como uma ferramenta que auxilia a pessoa com deficiência visual, ampliando o entendimento de eventos culturais, como espetáculos de dança, teatro, exposições, dentre tantos outros de mesma natureza, além de atrações turísticas através de informação sonora. Uma atividade que transforma a visão em som, contribuindo para a inclusão social, cultural e escolar, uma vez que possibilita o acesso à informação. Soma-se a isso o fato de que a audiodescrição (AD) não atua com somente em pessoas com deficiência visual, mas também aos idosos, disléxicos e pessoas com algum tipo de dificuldade intelectual.



A partir disso, o objetivo principal deste projeto foi elaborar o roteiro de visitação com audiodescrição (AD) para a rota Turística a pé do Bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, integrando o Projeto POA Turismo Acessível.

Na intenção de promover a interação de forma mais eficiente com a participação efetiva das pessoas com deficiência visual no processo de projeto, este artigo demonstra como a análise da rota turística foi realizada com auxílio de consultora com deficiência visual, bem como as particularidades da elaboração do roteiro de AD, da consultoria e da revisão final do texto.

2. Audiodescrição

A audiodescrição, enquanto um recurso de Tecnologia Assistiva (TA), visa a promover a acessibilidade para diferentes públicos, principalmente para as pessoas com deficiência visual, sendo fundamental para que pessoas cegas ou com baixa visão possam compreender eventos visuais, como imagens, filmes, eventos, dentre outros.

Por sua vez, a TA é um recurso ou serviço que, segundo Tavares (2008), é utilizado para potencializar as habilidades das pessoas com deficiência, como uma maneira de proporcionar autonomia, empoderamento e facilitar a inclusão social através da ampliação da comunicação, mobilidade, controle do ambiente, habilidades de aprendizado, trabalho e integração com a família, amigos e sociedade.

A audição, dentre os demais sentidos, desempenha importante função na orientação espacial e percepção de obstáculos. O ouvido facilita a comunicação, sendo um veículo indispensável de comunicabilidade e sociabilidade, fazendo com que o cego possa se integrar em um determinado contexto social através da voz humana que narra o espaço em redor (GUERREIRO, 2013).



Para Neves (2011) a audiodescrição é a arte de traduzir por meio de narrativas descritivas ou técnicas verbais, mensagens visuais que não podem ser percebidas através de sinais acústicos em textos (áudio) visuais (filmes, produtos multimídia...); maneira de descrever imagens, objetos e realidades com valor comunicativo essencialmente visuais.

A autoras Franco e Silva (2010) salientam que a prática de descrever o mundo visual para pessoas não-videntes é imemorial. No entanto, como atividade técnica e profissional, a AD nasceu na década de 70 nos Estados Unidos, a partir de ideias desenvolvidas por Gregory Frazier em sua dissertação de mestrado. Porém, foi a partir de 1981 que a audiodescrição entrou efetivamente no mercado através do uso da técnica em séries de TV e rádio para depois se expandirem para a Inglaterra e Espanha em pequenas peças de Teatro.

A audiodescrição é uma modalidade que exige do profissional praticante sensibilidade perante a deficiência e empatia com o público-alvo, capacidade de audição e boa audição, elevada competência de interpretação, objetividade, capacidade de síntese e reescrita, domínio da língua e vasta cultura gera (ANACLETO, 2014). Schwartz (2012) complementa que um audioguia não pode se limitar à descrição das obras e ignorar a necessidade de fornecer informações que permitam o deslocamento do visitante com necessidades especiais com autonomia.

Neves (2011) destaca como princípios gerais da audiodescrição a sensibilidade e o bom senso, resposta às necessidades de um público muito heterogêneo, respeito pela obra enquanto expressão de um autor/realizador/artista, discricção e sobriedade, relevância, adequação e economia, sincronização, ritmo e tensão, mínimo esforço para máximo efeito (efeito minimax) e conforto.

Neste trabalho de forma específica dentre outras modalidades, foi empregada a AD a espaços públicos e edificações. Aplicadas em todos os



locais que a pessoa cega é convidada a interagir com o espaço e fruir sensações visuais, se beneficiando da AD.

Em suma, Neves (2011) divide o processo de produção da AD nos passos a seguir:

- Ler e interpretar o texto original (som e imagem);
- Estabelecer elementos essenciais e imprescindíveis;
- Criar o texto para AD;
- Sincronizar o texto de AD / texto original;
- Sonorizar / adaptar / reformular (Ensaio);
- Gravar / Apresentar ao vivo.

Além desses, cabe salientar a importância das etapas iniciais de desenvolvimento da AD, tal como pesquisa sobre a temática, o contexto de utilização, o público-alvo, entre outros, para então seguir às etapas de produção em si.

3. O Turismo Acessível e a Audiodescrição

O conceito de turismo, para Barreto (1995) consiste em um fenômeno social que implica no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos por motivos de recreação, descanso, cultura, saúde, que saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa ou remunerada, gerando muitas inter-relações de importância social, econômica e cultural. Além disso, ressalta-se fato de que consiste em uma atividade que a pessoa procure lazer por livre e espontânea vontade.

A Constituição Brasileira (1988) Art. 188 da União salienta os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem promover e incentivar o turismo com vistas ao desenvolvimento social e econômico. Incluindo de forma indireta todos os tipos de pessoas, buscando práticas de sociabilização e lazer (LEITE e ARAGÃO, 2012).



O código mundial da Ética e do Turismo divulga um conjunto de princípios que visam a garantir a prática de um turismo equitativo, responsável e sustentável, que respeite a Declaração Universal dos Direitos Humanos e seja acessível a todos. Destaca-se o trecho que salienta a igualdade entre homens e mulher e deve tender a promover os direitos humanos, principalmente os particulares direitos dos grupos mais vulneráveis, “crianças, os idosos ou deficientes, as minorias étnicas e os povos autóctone” (OMS, 2019).

A partir da definição acima que insere o termo turismo acessível, isto é, torna o destino acessível a qualquer cidadão, contribuindo para a qualidade da oferta do destino, de forma independente com equidade e dignidade (ANACLETO, 2014). Darcy (1998) afirma que o turismo acessível deva ser não apenas físico, mas também cognitivo e sensorial, possibilitando usufruir das atividades turísticas de forma segura e confortável. O espaço acessível deve permitir às pessoas com necessidades especiais participar de todas as atividades que o local proporcione, incluindo o acesso aos serviços, equipamentos e edifícios com autonomia, segurança e o mínimo de obstáculos possíveis (2014). Ou seja, o conceito de turismo acessível procura garantir um conjunto de serviços e infraestruturas que respeitem o desenho universal, tornando-os capazes de receber a todos os indivíduos independentes de suas condições físicas (CALDEIRA, SILVA e NUNES, 2017).

Fato comprovado por uma pesquisa realizado pelo Projeto OSSATE, se estimava que em 2005 a dimensão do mercado turístico no segmento da acessibilidade seria de cerca de 127,5 milhões de europeus (número calculado com base em 7 segmentos de deficiência e na população idosa), valor que representava mais de 27% da população europeia (BUHALIS, D. *et al*, 2005). Este estudo revelou ainda que os europeus com deficiência gozavam em média mais do que um período de férias por ano, e viajariam ainda mais se houvesse mais destinos acessíveis e mais informação disponível sobre a sua acessibilidade (INI, 2010).



Pensado em todo o potencial econômico e de inserção cultural, social e educacional que uma rota acessível de turismo pode proporcionar, utiliza-se a audiodescrição como ferramenta de inserção principalmente para a pessoa com deficiência visual, uma vez que possibilitaria incluir uma gama muito maior de indivíduos em atividades turísticas.

Silva (2013) complementa ainda que o texto visual (audiodescrição), como o aplicado ao turismo, é caracterizado por uma grande quantidade de informações, pelo número de detalhes que apresenta. Além de transmitir peculiaridades de forma e dimensões e apropriar-se de emoções subjetivas (como entusiasmo, satisfação, paciência) para motivar e atrair os visitantes (LEITE e ARAGÃO, 2012).

A AD aliada ao turismo contribui na disseminação de forma mais abrangente de informações sobre os espaços, mostras, eventos e etc., permitindo ao usuário a autonomia e o acesso sem restrições à cultura em conjunto com a informação, resultando em uma maior compreensão e “visualização” do mundo que os cerca.

4. Metodologia

A pesquisa possui natureza aplicada, pois gera instrumentos para a aplicação prática dos conhecimentos, com finalidade de auxiliar os profissionais a resolverem problemas específicos do dia-dia. Quanto aos objetivos a pesquisa é de caráter exploratório. Em relação à abordagem do problema, a pesquisa é de caráter qualitativo, pois levou em consideração a participação de profissionais da audiodescrição, bem como de consultora com deficiência visual e futuros usuários do turismo acessível. Quanto ao objeto de estudo, este artigo apresenta o processo de desenvolvimento do roteiro de um audioguia com audiodescrição, dividido em faixas, contemplando 12 pontos da rota turística a pé ‘Cruzando o parêlo 30°’ do Escritório de Turismo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Porto



Alegre, integrando o Projeto POA Turismo Acessível desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS. São eles, em ordem: Caminho dos Antiquários; Cinemateca Capitólio; Ponte de Pedra; Terminal Linha de Turismo; Rua João Alfredo; Museu Joaquim Felizardo; Travessa Venezianos; Rua Lima e Silva; Rua da República; Parque Farroupilha (Redenção); Centro Cultural da UFRGS; Museu da UFRGS.

4.1 Contexto da Pesquisa

Este trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS visando compreender os princípios básicos da acessibilidade, inclusão, e ferramentas, com vistas às práticas e ao projeto de produtos, serviços e sistemas para todos, incluindo pessoas com deficiência.

Através da insdeeeeeweserção da AD no roteiro turístico a pé 'Cruzando o Paralelo 30º', este trabalho buscou problematizar a deficiência com foco na eficiência de cada indivíduo e do coletivo, como forma de diminuir as barreiras enfrentadas na divulgação, comunicação e informação, no contexto turístico, traduzindo através de narrativas descritivas os 12 pontos turísticos que compõem o percurso proposto.

Para tanto, o Projeto POA Turismo Acessível foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS, dividido em quatro equipes, conforme o recurso que cada um pesquisaria e desenvolveria (Audiodescrição; Escrita Simples e redesign do material gráfico; Comunicação Aumentativa e Alternativa; Avaliação de Acessibilidade física). Este trabalho contempla apenas o desenvolvimento do roteiro de audiodescrição.



4.2 Escopo do Trabalho

Esta fase descreve o processo de elaboração do roteiro de AD dos 12 pontos turísticos históricos do roteiro 'Cruzando o Paralelo 30°'. Neves (2011), classifica a audiodescrição de acordo com a modalidade e tipos, e determina que o tipo de AD aplicada, dependerá da abordagem e dos objetivos a serem atingidos pela instituição ou organizador do produto oferecido.

AD exploratória: descreve mais do que se vê, busca orientar a pessoa para que descubra, por si mesma, a realidade ao seu redor. Destaca-se então a "necessidade de aplicar estratégias de focalização e direção para criar um percurso em que a informação é dada de forma gradual e cumulativa, permitindo uma construção gradual da realidade".

AD para mobilidade e orientação: baseada nos princípios de desenvolvimento da autonomia e autossuficiência, a AD a serviço da mobilidade/orientação pode potencializar uma necessidade básica das pessoas com deficiência visual, a mobilidade. As informações podem ser sobre a organização do espaço, possíveis itinerários, locais específicos, entradas e saídas, conforto e segurança para o usuário de deficiência visual se deslocar em espaços que lhe são desconhecidos.

De acordo com Cardoso (2016), a AD informativa contextualiza a pessoa nos fatos históricos e sociais do local onde a mesma se encontra. Quanto ao objeto de estudo, a AD é do tipo exploratória, a serviço da mobilidade e de orientação, elaborada em 6 etapas: (a) visita de campo; (b) levantamento fotográfico; (c) Pesquisa histórica; (d) elaboração do roteiro de AD; (e) consultoria por pessoa com deficiência visual; (f) revisão final.



4.3 Visita de Campo

Primeiramente, realizou-se uma visita de campo, percorrendo o trajeto proposto pelo roteiro original a fim de conhecer o contexto e elementos importantes da cidade, tais como: equipamentos urbanos, dimensões e qualidade das vias públicas, estilos arquitetônicos, cores, texturas, a existência de pisos táteis, identificando desta forma se a cidade de Porto Alegre está preparada para receber a todos turistas, incluindo aqueles com deficiência ou mobilidade reduzida.

Para tanto, percorreu-se o trajeto da Cidade Baixa, com dez pontos turísticos. A ordem dos atrativos turísticos seguiu o material original para visitação, de maneira a facilitar a caminhada tendo como base o mapa do Escritório de Turismo da SMDE. Buscou-se ainda atualizar o percurso com a inclusão de novos pontos, como a Cinemateca Capitólio, ponto de partida do novo roteiro e que antes não fazia parte da visitação por estar em obras de restauro. Também buscou-se novos atrativos nas proximidades dos pontos turísticos ou características específicas, tal como local boêmio para a Rua da República, e possíveis sugestões de outras atividades nas redondezas.

Para observação da execução do percurso por públicos diversos, contou-se com a participação de uma pessoa com deficiência visual e de um voluntário em cadeira de rodas. Assim, foram discutidos pontos relativos à acessibilidade para cada um dos participantes, incluindo os com deficiência.

4.4 Levantamento Fotográfico

O registro fotográfico dos lugares foi realizado com o intuito de obter auxílio para as audiodescrições. As fotografias contribuíram para ordenar as descrições das narrativas, permitindo que a AD facilitasse a orientação do usuário ao longo do percurso, com a maior independência possível. Foram



levados em consideração, os seguintes critérios, levando em consideração apontamentos da NBR 9050 (2019):

- a) **Ideia Geral:** permite que o público se situe na visita, proporcionando autonomia aos visitantes, facilitando a compreensão, orientação e deslocamento do usuário no ambiente;
- b) **Elementos táteis:** tamanho, formato, dimensões, larguras, distâncias, passos;
- c) **Estilo:** possibilitando falar sobre o que está sendo descrito, fazendo referência a elementos como cores, texturas, estilos arquitetônicos e contexto histórico;
- d) **Orientação espacial:** informando a posição dos elementos e contexto no qual o objeto está inserido, detalhando o ponto de vista de quem observa, indicando a ordem que os mesmos aparecem, determinando por exemplo, quais elementos estão à direita ou à esquerda de quem vê;
- e) **Outros Sentidos:** fazer referência a outros sentidos para auxiliar na audiodescrição, comparação sinestésicas, como uso de sons, trilha sonora ou ruídos do ambiente que está sendo detalhado. Uso de analogias, para explicar conceitos, como por exemplo, para descrever estilos construtivos de determinada época.

4.5 Pesquisa Histórica

Escolhidos e determinados os atrativos turísticos para visita, foi feita uma coleta de dados, através de pesquisa bibliográfica, para coleta de informações históricas, análise de arquivos e sites na internet acerca de cada um dos pontos turísticos do roteiro. A pesquisa foi de extrema importância para realizar a o roteiro de AD, pois possibilitou a elaboração de uma narrativa inicial, através de uma faixa introdutória de contextualização sobre cada ponto turístico antes da AD em si.



4.6 Elaboração de Roteiro

Nesta etapa, são apresentadas as narrativas des65+5critivas dos pontos turísticos, organizadas em 25 faixas, para posterior avaliação por consultor de AD com deficiência visual. A estrutura geral é composta por uma faixa de introdução e recepção ao visitante. Nesta faixa se explica o roteiro e a dinâmica da visita com o recurso de AD. Na sequência, o audioguia inicia a apresentação dos pontos turísticos, começando pelo Caminho dos Antiquários. Cada ponto turístico tem duas faixas de áudio no audioguia, uma com informações históricas e contextualização sobre o local (curiosidades, etc.) e outra com a AD. Na sequência são apresentadas as três primeiras faixas a exemplo desta dinâmica:

Faixa 1: Introdução Geral ao Roteiro "Cruzando o Paralelo 30: Aqui começa o Roteiro Turístico "Cruzando o Paralelo 30" percurso do Bairro Cidade Baixa da cidade de Porto Alegre, com audiodescrição. Você poderá conhecer doze lugares que serão descritos nesse audioguia, organizado em 25 faixas.

Antes de iniciar o percurso, conheça um pouco dessa parte de Porto Alegre que vamos visitar. Além de muita história durante o percurso, a Cidade Baixa é um lugar dos descolados e famoso bairro boêmio da capital gaúcha. Juntamente com as edificações antigas e parques, há os botecos de samba e as baladas de pop-rock.

Para saber mais sobre esse roteiro você pode acessar o site www.ufrgs.br/poaturismoacessivel e buscar informações sobre cada local no catálogo disponível.

Faixa 24: Você chegou no último ponto do nosso roteiro turístico: O Museu da UFRGS. O prédio histórico está localizado na movimentada esquina da Avenida Osvaldo Aranha com a Avenida Paulo Gama, no quarteirão dois do Campus Central da UFRGS. Funciona de Segunda a Sexta-Feira, das 08h às 20h e aos sábados das 09h às 13h (...).



4.7 Consultoria por Pessoa com Deficiência Visual

A experiência é algo que toca, afeta e transforma (BONDIA, 2002). Conceito que pode ser utilizado em conjunto com a inclusão, entendida por Novak (2014) como "um ambiente onde todos os membros da sociedade têm participação completa nas suas atividades, independentemente das barreiras físicas ou cognitivas que possam ter". O consultor é o responsável pelo feedback especializado e seu trabalho, na maioria das vezes, restringe-se à fase de finalização da AD na qual os textos das traduções já foram elaborados e estão prontos para a revisão. No caso deste estudo em específico, o consultor com deficiência visual atuou na revisão da AD, porém para que a profissional atuasse de forma mais completa, também participou da visita de reconhecimento do percurso proposto com os pesquisadores.

A importância desses profissionais é amplamente reconhecida e sua participação no processo é vista como uma garantia de qualidade. Dessa forma, cabe ressaltar que a função de consultor com deficiência visual não pode ser exercida por qualquer pessoa. A atividade foi regulamentada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o que possibilita destacar algumas competências necessárias ao profissional da área. São necessárias bom domínio da língua, amplo vocabulário, comportamento profissional e ético, ter formação em AD, além do conhecimento das normas e guias que regulamentam a atividade (PALMEIRA, ARAÚJO e CARVALHO, 2016).

Mianes e Soares (2012) complementam que a atividade de audiodescrição deve levar em consideração as experiências desse sujeito como uma base para a AD que contribua para um maior número de pessoas com cegueira ou baixa visão. A consultoria evita que a audiodescrição apresente elementos que não sejam necessários ou que estejam dificultando a compreensão, isto é, percebe marcas de subjetividade que podem comprometer a interpretação da pessoa com deficiência (GARCIA, 2019).



Após a montagem de todo o roteiro de AD o manuscrito foi encaminhado para a revisora. A exemplo de um dos apontamentos, foi a retirada da frase: “edifício de composição bastante simples”, para a descrição do Museu da UFRGS, faixa 25. Para a revisora, “o que é simples para uma pessoa pode parecer complexa para outra, ainda mais ao se tratar de prédios e orientação espacial”. Após a consideração, a frase foi retirada do AD do percurso, ressaltando o que comenta (34, p. 164) quando afirma “a compreensão nem sempre vem como o audiodescritor espera”.

Para além da revisão do roteiro, sempre é interessante que o consultor com deficiência visual escute o roteiro e, se possível, acompanhe a gravação das faixas ou que faça revisão posterior à gravação. Neste momento, muitas podem ser as contribuições acerca da fluidez, cadência, dentre outras que o consultor pode proporcionar antes da disponibilização da AD ao público.

4.8 Revisão Final

Após as considerações da consultora com deficiência visual, o roteiro foi revisado para os devidos ajustes. Outros aspectos, como os históricos e informativos também foram revisados visando a garantir o máximo de precisão das informações, principalmente às de serviço de cada local. Na revisão final também buscou-se unificar a duração das faixas para os diferentes pontos, assim como as informações disponibilizadas, mantendo assim unidade e fluidez em todo o roteiro. Fatores como a linguagem também foram revisados, para que o produto final conduzisse o visitante similar a uma visita conduzida por um guia turístico.

A AD pode ser entendida como um “enunciado que se constrói na estilização de um enunciado audiovisual” (34, p. 156), por isso, a consultoria deu credibilidade ao trabalho, pois foi testado e aperfeiçoado por uma pessoa que representa o público consumidor. O objetivo não é a busca do erro na AD, mas a melhor adequação ao que está sendo descrito na locução. Além



disso, o próprio consultor e revisor, tem papel de divulgador do recurso da AD, neste caso, especificamente do roteiro turístico proposto.

As faixas finais de audiodescrição foram disponibilizadas no mapa impresso para o roteiro turístico por meio de QR code, assim como previu-se um totem por ponto a ser visitado no qual também teria um QR code para acesso à AD.

5. Considerações Finais

A acessibilidade é uma preocupação cada vez maior na elaboração de roteiros turísticos com intuito de potencializar rotas direcionadas para todos os utilizadores sem a necessidade de desenvolver diferentes versões particulares de visitação. Com o objetivo de promover a acessibilidade por meio do Projeto POA Turismo Acessível, o presente trabalho teve como foco elaborar o roteiro de visitação com audiodescrição (AD) para a rota turística a pé do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre.

A rota turística escolhida, "Paralelo 30°" foi vivenciada por um grupo de pesquisadores com o auxílio da consultora com deficiência visual, no qual várias particularidades foram apontadas. O AD possibilita a fruição do público com deficiência visual à rota turística sugerida, com descrições de detalhes que não poderiam ser experienciadas, do nível da calçada, a não ser pela visão. Porém, é inevitável a figura de um mediador que pode ser entendido com o guia turístico indicando o espaço que está sendo vivenciado no momento.

O estudo possibilitou compreender que a audiodescrição pode ser entendida como uma experiência que proporciona às pessoas cegas uma outra forma de lidar com o discurso visual e mais do que isso, possibilita a interação com o espaço circundante, fazendo com que o conteúdo da AD seja mais expressivo, proporcionado a "visibilidade" do espaço do que a pessoa



cega ou com baixa visão não pode vivenciar sozinha e sem os devidos recursos.

Vale ressaltar também, que o audioguia, também pode ser utilizado como uma estratégia comunicacional não apenas para pessoa com deficiência, mas também para outros públicos, como, por exemplo idosos, pela sua facilidade de manuseio, acesso e possibilidade de melhor compreensão do conteúdo.

Por fim, cabe destacar que o presente trabalho ainda não foi avaliado pelo público de turistas com e sem deficiência e que esta etapa deve ser realizada para revisão final do trabalho realizado.

pesquisa possui natureza aplicada, pois gera instrumentos para a aplicação prática dos conhecimentos, com finalidade.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à consultoria da senhora Marinez Lorenz e pela disponibilidade na participação deste projeto, caminhada pelo roteiro proposto e posteriormente revisão da audiodescrição proposta.



Referências

ANACLETO, Sandra Contente. **Turismo acessível**: criação de um circuito turístico para a população com deficiência visual, na cidade de Braga. 2014. Tese de Doutorado — [s. n., s. l.], 2014.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, (19), 20–28. ISSN 1413-2478.

BRASIL. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 5. ed. Brasília. Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 05 de outubro de 1988. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/ccivilm>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BRASIL. Lagarto (SE). Lei Ordinária nº886, de 08 de Novembro de 2019 [em linha]. Lei n.º 886 de 8 nov 2019 [consult. 12 mar 2023]. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;sergipe;lagarto:municipal:lei:2019-11-08;886>

BUHALIS, D. *et al.* **Accessibility Market and Stakeholder Analysis**. University of Surrey & OSSATE - One-Stop-Shop for Accessible Tourism in Europe. 2005.

CALDEIRA, Caldeira Boavida Miguel; SILVA, Neuza Clariana; NUNES, Flávio Paulo Jorge. Turismo acessível em Guimarães. Oportunidade e desafio para uma cidade inclusiva. **HOLOS**, v. 4, p. 341, 19 set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5274>.

CARDOSO, Eduardo. **Design para experiência multissensorial em museus**: fruição de objetos culturais por pessoas com deficiência visual. 2016. Tese de Doutorado - [s. l.], 2016.

DARCY, Simon. **Anxiety to access**: Tourism patterns and experiences of New South Wales people with a physical disability. Sidney: Tourism New South Wales, 1998.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: **Audiodescrição Transformando Imagens em Palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, pp. 19–36.



GARCIA, D'Avila Henrique Viana. **Filme acessível:** a audiodescrição como a recriação de uma imagem em palavras. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

GUERREIRO, Augusto Deodato. **Para uma nova comunicação dos sentidos:** contributos da tecnologia da tiflografia para a ampliação dos processos comunicacionais. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2000.

INI. Turismo Acessível em Portugal. Lei, oportunidades económicas, informação. Col. Informar (7). Lisboa: Instituto Nacional para a Integração, 2010.

LEITE, Samya Xavier; ARAGÃO, Antônio Roberto Ferreira. Visitas guiadas accesibles en el teatro José De Alencar en Fortaleza, Brasil. **Estudios y perspectivas en turismo.** 2012, 21(4), 856–875.

MIANES, Felipe Leão; SOARES, Mariana Baierle. De espectador a protagonista: a pessoa com deficiência visual como consultora em audiodescrição. **Revista Brasileira de Tradução Visual.** 2012, 12, 7–13

NEVES, Josélia. **Guia de audiodescrição:** imagens que se ouvem. Lisboa: Instituto Nacional de Reabilitação; Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2011.

NOVAK, Elizabeth. Entrevista. Membro do Comitê Consultivo de Acessibilidade do Royal Ontario Museum. 2014. Disponível em: <http://www.incluseum.com.br>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). CID-11 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10ª rev. São Paulo. 2019.

PALMEIRA, Charleston Teixeira; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. Locução para audiodescritores: contribuições da fonoaudiologia. **In: Pesquisas Teóricas e Aplicadas em Audiodescrição.** Natal: EDUFRN, 2016, pp. 236–255.

SCHWARTZ, Letícia. **Audiodescrição:** para uma nova profissão, um novo profissional. In: Acessibilidade em ambientes culturais. Porto Alegre: Marcavisual, 2012, pp. 136–146. ISBN 978-85-61965-12-9.

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Com os olhos do coração:** estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil. 2013. reponame:Repositório Institucional da UFBA, [s. l.], 2013.



TAVARES, Liliansa Barros (Org). **Acessibilidade Comunicacional para Produções Culturais**. Recife: Ed. do Organizador, 2013.